

## ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DO CONTATO ENTRE O DIALETO VÊNETO E O PORTUGUES NO ESPÍRITO SANTO

Edenize Ponzo Peres\*

**Resumo:** Este trabalho sociolinguístico tem por objetivo descrever o contato que ocorreu entre o português e os dialetos falados pelos imigrantes italianos, no estado do Espírito Santo. Especificamente, interessa-nos analisar os fatores externos que favorecem a manutenção e a substituição de uma língua minoritária, a fim de investigar como se deu o processo de substituição do vêneto, o mais falado dentre as línguas de imigração. Para descrever a situação sociolinguística dos imigrantes italianos no Espírito Santo, buscamos retratar sucintamente a colonização do estado, desde a chegada dos portugueses, no século XVI, até o final do século XIX, quando aportaram os imigrantes italianos. Dadas as características de nossa colonização e da imigração europeia, observamos que a substituição do dialeto vêneto pelo português ocorreu por fatores psicossociais envolvendo a comunidade de imigrantes italianos, tendo em vista que outras línguas minoritárias, como o pomerano, com muito menos condições de sobrevivência, se mantém até nossos dias. Dessa forma, as consequências sociolinguísticas da imigração no Espírito Santo pode lançar luz às pesquisas de contato linguístico, aportando dados que não são considerados nas pesquisas desta área.

**Palavras-chave:** Contato Linguístico. Imigração italiana no Espírito Santo. Substituição linguística.

**Abstract:** This sociolinguistic study aims at describing the contact that occurred between Portuguese and the dialects spoken by Italian immigrants in the state of Espírito Santo. We are specifically interested in analyzing the external factors that favor the maintenance and replacement of a minority language in order to investigate the process of replacing the Venetian, the most spoken dialect among the languages of immigration. In order to describe the sociolinguistic situation of the Italian immigrants in Espírito Santo, we seek to briefly portray the colonization of the state, since the arrival of the Portuguese in the sixteenth century until the late nineteenth century, when Italian immigrants landed. Given the characteristics of our European colonization and immigration, we observed that the replacement of the Venetian dialect by Portuguese occurred through psychosocial factors involving the community of Italian immigrants, given that other minority languages such as the Pomeranian, with much less survival conditions, remains to this day. Thus, the sociolinguistic consequences of immigration in Espírito Santo may shed light on the research of language contact, providing data that are not considered in this research area.

**Keywords:** Language Contact. Italian immigration in Espírito Santo. Language substitution.

---

\* Professora Doutora do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil, eponzoperes@gmail.com

## Introdução

O Espírito Santo se caracteriza por abrigar, em seu território, pessoas de diversas etnias. Desde a chegada dos portugueses, no século XVI, a história deste estado – assim como a de outras unidades da Federação - sempre esteve marcada por contatos étnicos e culturais, primeiramente entre os portugueses e os indígenas; em seguida, entre eles e os escravos africanos. Porém, um diferencial do Espírito Santo é o grande número de imigrantes europeus que viveram isolados por muitos anos, devido à geografia do estado e à forma de ocupação da terra, o que acarretou uma forte diversidade cultural e linguística entre os espírito-santenses.

A imigração em massa que o estado recebeu, no século XIX, tem sido tema de pesquisas em diferentes áreas do conhecimento, principalmente da História e da Sociologia. Entretanto, no campo da linguística, o estado ainda carece de estudos. Na tentativa de ajudar a suprir essa lacuna, em 2010 elaboramos um projeto de pesquisa intitulado *Línguas em Contato: o português e o italiano no Espírito Santo*, cujos objetivos centrais eram: a) formar bancos de dados de fala das diferentes comunidades capixabas colonizadas por imigrantes italianos; b) descrever o português falado nessas localidades, tentando averiguar se, atualmente, permanecem traços dos dialetos falados pelos imigrantes; e c) traçar os caminhos percorridos por esses dialetos, desde sua hegemonia, há algumas décadas, até o seu quase desaparecimento, atualmente.

Nestes quatro anos de pesquisa, várias comunidades, tanto urbanas quanto rurais, foram e estão sendo estudadas, por meio de trabalhos de Iniciação Científica, de Conclusão de Curso e Mestrado. Adiante, falaremos sobre esses estudos.

Desta forma, o objetivo do presente trabalho é analisar o contato linguístico entre o dialeto vênето, falado por milhares de imigrantes aqui chegados nos últimos vinte e cinco anos do século XIX, e o português. Especificamente, pretendemos refletir sobre a situação sociolinguística dessa língua de imigração, considerando-se os fatores externos apontados por pesquisadores do contato linguístico como favorecedores da manutenção ou da substituição de línguas minoritárias.

Para alcançarmos os objetivos acima, é preciso, primeiramente, que nos reportemos à história do estado, a fim de entendermos como se deu sua colonização e, conseqüentemente, os contatos linguísticos que aqui aconteceram. Para isso, na primeira parte deste estudo, descreveremos sucintamente a história da colonização do Espírito Santo, para, posteriormente, focalizarmos especificamente a história dos imigrantes italianos. Em seguida, apontaremos os

estudos sobre línguas em contato já realizados no Espírito Santo. Por fim, explicitaremos alguns dos principais fatores de manutenção das línguas minoritárias e discutiremos sua aplicação aos dialetos italianos<sup>1</sup>. Concluindo este trabalho, teceremos nossas Considerações Finais. A seguir, então, falaremos um pouco da história da colonização do estado.

### **Breve história da colonização do Espírito Santo**

A Capitania do Espírito Santo teve por primeiro donatário Vasco Fernandes Coutinho, que aportou no que é hoje o município de Vila Velha, em 23 de maio de 1535. De acordo com Saletto (2011), as informações sobre os povos que habitavam a capitania, no início da colonização, são raras e, em boa parte, contraditórias, mas é certo que aqui viviam tupiniquins, goitacazes, tupinambás e temiminós, que falavam o tupi, sendo esta a língua de comunicação entre eles e os jesuítas, na catequese<sup>2</sup>.

Também é certo que havia indígenas no interior da então capitania, dados os registros históricos que comprovam as frequentes incursões de jesuítas ao interior, em busca de nativos para serem trazidos para o litoral e catequizados (SALETTTO, *op. cit.*)<sup>3</sup>. Contudo, a dizimação da população indígena e sua aculturação, a partir do século XVI, ocasionaram que, hoje em dia, praticamente nada de suas línguas restou. A exceção fica para o guarani, ainda falado por esse povo, o qual chegou ao Espírito Santo na década de 1970, depois de uma caminhada de décadas, por Paraguai, Argentina e estados do Sul do Brasil (CALAZANS, 2014).

Já nos primeiros anos do século XVII, no governo de Francisco Aguiar Coutinho (de 1605 a 1627), iniciou-se o tráfico negreiro no estado (MOREIRA; PERRONE, 2007). Os escravos eram encaminhados às grandes fazendas, muitas de propriedade de jesuítas ou de pessoas ligadas a religiosos, que se localizavam no litoral ou pouco adentradas no interior, próximas a rios navegáveis, para facilitar a escoação da produção. (CONDE, 2009). Fato importante para nossa análise é o de que, de acordo com Conde (*op. cit.*), a capitania não estava ligada ao tráfico negreiro internacional, isto é, os escravos que habitavam as fazendas,

---

<sup>1</sup> Sabemos quão polêmica é a distinção entre *língua* e *dialeto*. Contudo, neste trabalho, tomaremos ambos os conceitos como sinônimos, tendo em vista que estamos tratando de sistemas linguísticos igualmente válidos para a comunicação.

<sup>2</sup> Moreira e Perrone (2007) citam também os aimorés e afirmam que, na capitania, se falavam línguas de dois principais troncos: tupi e macro jê.

<sup>3</sup> Entretanto, é importante ressaltar que diversos relatos de imigrantes italianos, colonizadores da região serrana centro-sul do estado, não registram a presença de indígenas naquelas terras, quando eles lá chegaram. (cf., por exemplo, DERENZI, 1974; RIBEIRO, 1990; LAZZARO, COUTINHO e FRANCESCHETTO, 1992; PUPPIN, 1994 e 2000; e LACHINI, 2007).

no fim do século XVIII, estavam lá há várias gerações. Nas fazendas havia escravos de todas as idades e praticamente todos tinham parentesco com algum indivíduo da fazenda. Tratava-se de casais com muitos filhos e estes também tinham prole extensa, todos convivendo juntos.

As características da escravidão, destacadas no parágrafo anterior, leva-nos a pensar que o contato entre o português e as línguas africanas se deu no século XVII e não foi mantido, com a vinda de novos escravos. Entretanto, o Espírito Santo conta atualmente com 30 (trinta) comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Palmares, sendo que a maior parte encontra-se em dois municípios do norte do estado, aonde os imigrantes não chegaram, e 04 (quatro) são vizinhas a regiões colonizadas por imigrantes europeus – Cachoeiro de Itapemirim, Ibirajú, Santa Leopoldina e Vargem Alta<sup>4</sup>. Contudo, não há registro, dentre essas comunidades, de uma língua falada pelos habitantes que não seja o português. Assim, pelo exposto até aqui, dado o antiquíssimo contato entre a língua portuguesa e as línguas africanas no estado, cremos que estas não exerceram uma influência mais direta no português falado pelos descendentes de imigrantes italianos.

Outro fator importante para a análise que pretendemos realizar e que explica o que falamos nos parágrafos anteriores foi a condição imposta à província do Espírito Santo como defesa natural contra invasores estrangeiros e ladrões do ouro das Minas Gerais. Segundo Moreira e Perrone (2007, p. 45),

Não só a colônia brasileira vivia empolgada com as boas novas da abundância de ouro, como também a Coroa Portuguesa. Essa, bem como os seus representantes, estavam convencidos de que qualquer tentativa de ataque estrangeiro dirigido contra as jazidas auríferas teria como base de desembarque os portos naturais capixabas.

A descoberta de jazidas a oeste da província do Espírito Santo, no início do século XVIII, provocou uma corrida do ouro entre os que aqui viviam (MOREIRA; PERRONE, 2007). Assim, o Espírito Santo, que já era pouco povoado, viu seu contingente populacional ainda mais diminuído. Durante mais de um século, com a proibição de se construírem estradas para oeste (OLIVEIRA, 2008), a província serviu apenas como proteção natural para as jazidas de ouro do que é hoje o estado de Minas Gerais. Como consequência desses fatos, temos que a região serrana do Espírito Santo continuou coberta de matas virgens, tendo por habitantes a fauna tropical. No início do século XIX, 90% das terras capixabas eram cobertas pela Mata Atlântica (MOREIRA; PERRONE, 2007).

---

<sup>4</sup> FUNDAÇÃO Palmares: Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/quilombola>>. Acesso em 28 mar. 2014.

Segundo Moreira e Perrone (op. cit.), o Espírito Santo permaneceu nessa situação até o ano de 1813, quando o então presidente da província, Francisco Rubim, com o intuito de estimular a ocupação da terra, trouxe dois grupos de açorianos para abrir uma estrada que ligaria Vitória a Ouro Preto. Nesse mesmo ano, chegaram 34 espanhóis, que se estabeleceram na região onde atualmente é o município de Linhares, no litoral norte. Entretanto, a imigração realmente se iniciou em 1847, com a vinda de 163 prussianos para a Colônia de Santa Izabel. Na década de 1850, foi estabelecida a Colônia de Santa Leopoldina, sendo-lhe destinados 140 suíços. Em 1865, esta última Colônia já contava com imigrantes de diversas etnias. E, por fim, em 1856, era fundada a Colônia de Rio Novo (OLIVEIRA, 2008).

Como se sabe, a vinda dos europeus para o Brasil, de modo geral, e para o Espírito Santo, de modo particular, deveu-se a fatores internos e externos, concomitantemente. Como causas internas, podem se citadas, de acordo com Derenzi (1974), Oliveira (2008) e Simões e Franco (s/d): a) a necessidade de pessoas para o povoamento da então província, tendo em vista que a maior parte do interior permanecia desabitada, especialmente as regiões montanhosas; além disso, as epidemias que assolaram a província, na metade do século XIX, diminuíram ainda mais a já escassa população<sup>5</sup>; b) a abolição do tráfico de escravos e a consequente necessidade de mão de obra para a agricultura; e c) o intuito do Governo Imperial de embranquecer a população, com base em teorias racistas que imperavam na Europa, no século XIX, e que foram adotadas no Brasil. Segundo as elites econômicas e intelectuais brasileiras da época, as causas do atraso do país estavam no fato de a maior parte da população ser negra ou miscigena.

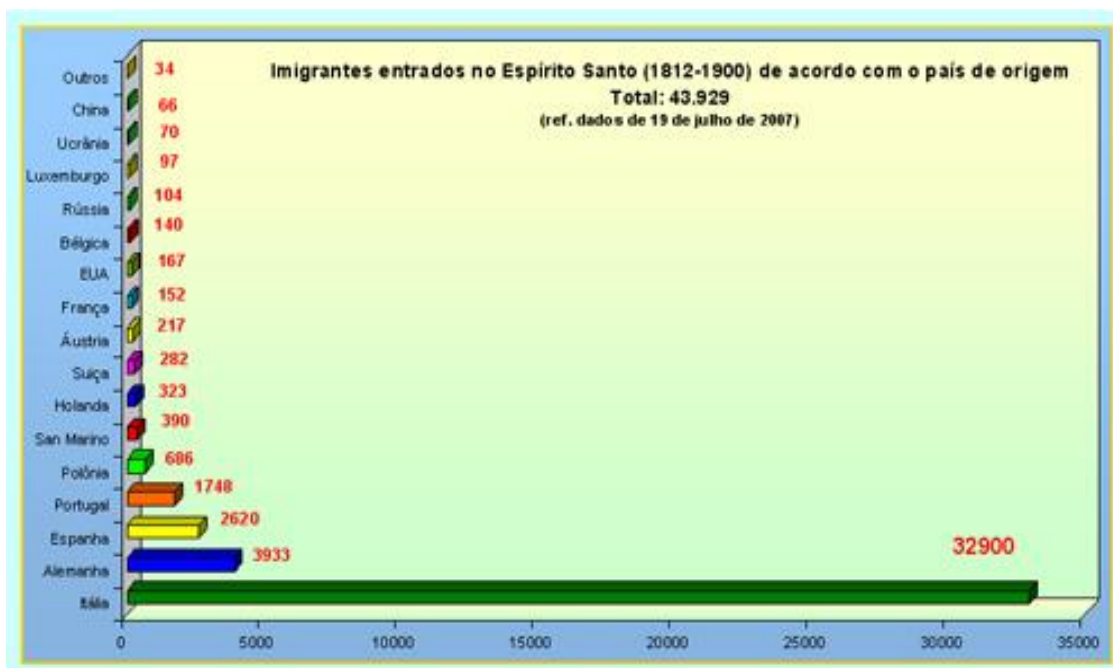
Como causas externas, temos, conforme apontam Bigazzi (2006) e Franzina (2006), a crise pela qual toda a Europa passou, no século XIX, gerando desemprego, fome e desesperança, e atingindo as classes mais baixas, principalmente no campo. No caso dos italianos, as razões da miséria, a qual motivou a saída em massa da população, foram: a) a Revolução Industrial, que substituiu a mão de obra pelas máquinas, gerando desemprego e subempregos. Com a menor oferta de trabalho, quem os tinha viu seus salários diminuírem; b) as guerras pela unificação dos Estados que formariam a Itália, culminada em 1870; c) doenças como a cólera, malária e pelagra, além da tuberculose, raquitismo e escorbuto; d) atuação das agências de imigração brasileiras, que divulgavam propagandas – muitas vezes falsas – acerca dos benefícios que receberiam os que viessem aqui viver; e) o anseio de lucro fácil por parte

---

<sup>5</sup> De acordo com dados de censos realizados no século XIX, em 1824 o Espírito Santo contava com 40.627 habitantes; em 1827, 41.562 habitantes; e, em 1856, 49.092 habitantes (OLIVEIRA, 2008, p. 331).

das empresas de navegação italianas, especialmente os armadores genoveses, com o transporte de emigrantes para as Américas; f) o intuito de se criarem grandes colônias italianas além do continente europeu; e g) o excesso de população na Itália, gerado pela alta natalidade.

Além dessas razões, o homem do campo ainda conheceu outras, como: h) a concorrência de produtos estrangeiros, notadamente o trigo, a seda e o arroz, com desvantagem para os agricultores italianos; i) os altos impostos que os camponeses deveriam pagar por suas terras. Caso não pagassem, poderiam perdê-las; j) as pragas que devastavam as plantações; e k) a seca por um lado e as enchentes por outro, além de furacões, tempestade de granizo, más colheitas, desmoronamentos e avalanches, e ainda o rigor dos invernos. Tudo isso gerou uma grave crise agrária, e a solução encontrada foi emigrar. Abaixo, temos um Gráfico com o contingente de imigrantes chegados ao Espírito Santo.



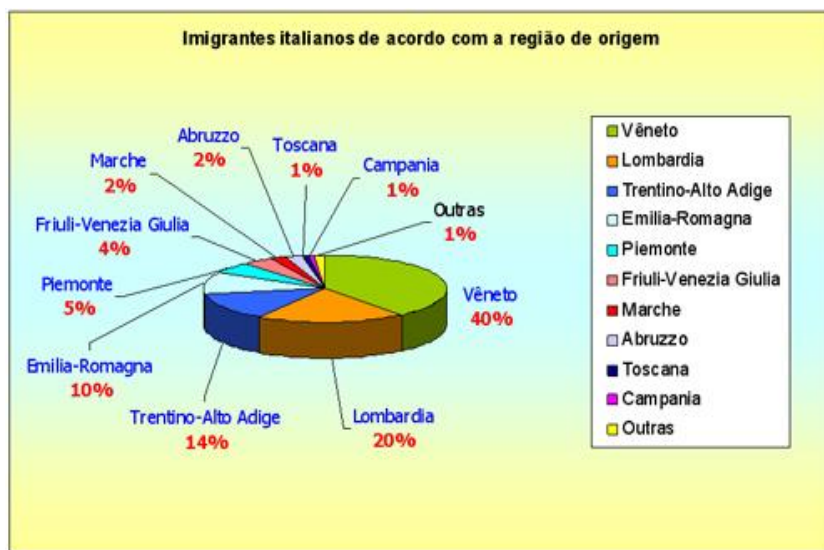
**Gráfico 1:** Imigrantes chegados ao Espírito Santo, no período de 1812-1900

**Fonte:** Arquivo Público do Estado do ES- APEES, 2007

Os imigrantes, em número de quase 44.000 indivíduos, correspondiam a 25% da população capixaba, que, em 1900, era de 209.783 pessoas<sup>6</sup>. Por outro lado, o contingente populacional se concentrava no litoral, como dissemos. Assim, a região centro-serrana era

<sup>6</sup> Fonte: IBGE: [www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=4&uf=00](http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=4&uf=00). Acesso em 30/03/2014.

composta basicamente pelos imigrantes e seus descendentes. Pelo Gráfico acima, podemos perceber que 75% dos imigrantes que vieram para o Espírito Santo eram originários da Itália. E, destes, a maioria era natural do norte do país, como mostra o Gráfico abaixo.



**Gráfico2:** Imigrantes italianos chegados ao Espírito Santo, de acordo com sua procedência.  
**Fonte:** APEES, 2007

Vale aqui frisar que a maioria dos italianos vinha em grupos, com a família e os vizinhos (FRANZINA, 2006), e era proveniente de 04 (quatro) regiões, o que implica que chegaram ao Espírito Santo 04 (quatro) dialetos principais, com suas variedades. Dessa forma, dadas as características da imigração e da colonização do interior do estado, podemos considerar que não houve dificuldades para eles continuarem falando sua língua materna em casa e na comunidade, pelo menos até 1938, quando o então Presidente Getúlio Vargas assinou o Decreto 406, de 04 de maio daquele ano, impondo uma série de restrições aos estrangeiros no país<sup>7</sup>.

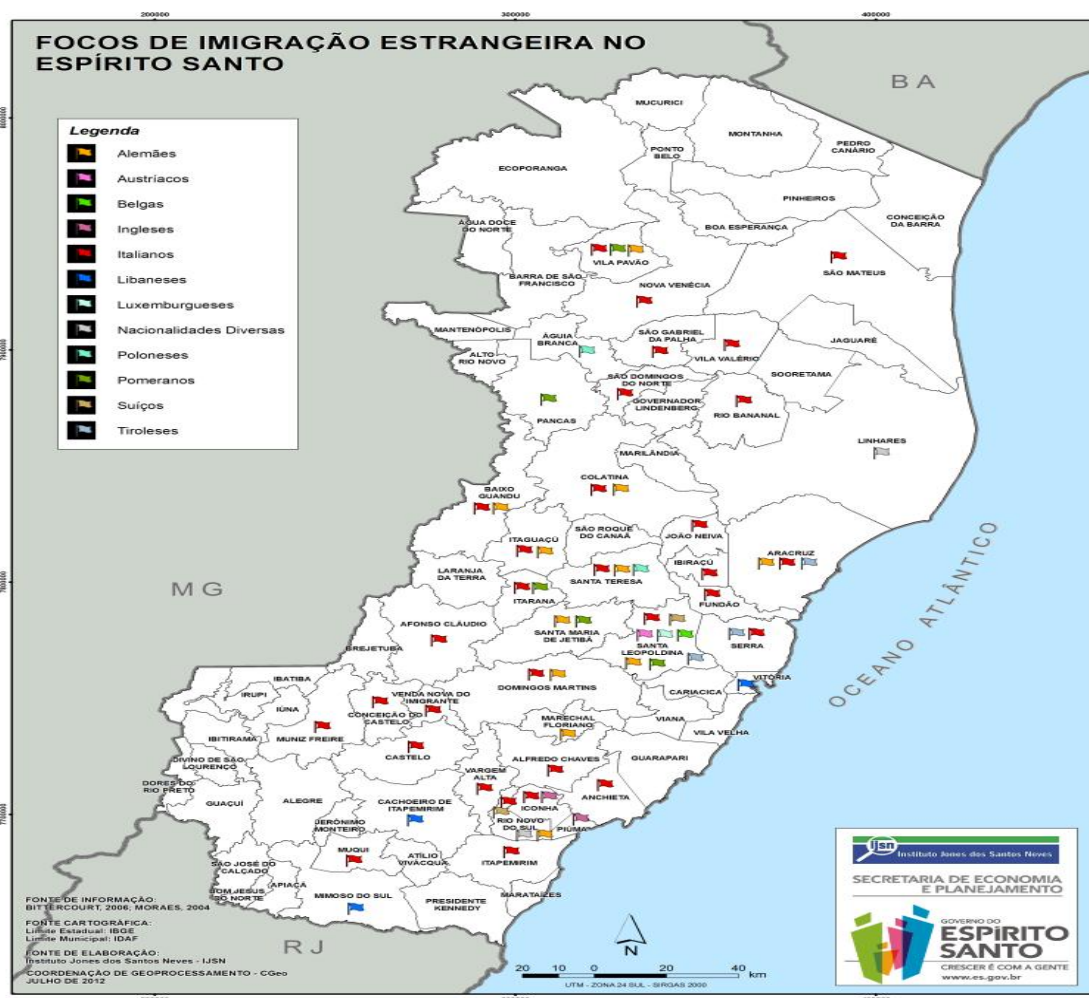
Nas próximas seções, analisaremos os dados constantes do Gráfico e dos dados acima, com respeito ao Contato Linguístico que ocorreu neste estado.

<sup>7</sup>Fonte: Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html#>>. Acesso em 25 mar. 2014.

## Os imigrantes italianos no Espírito Santo

Segundo Derenzi (1974), os primeiros imigrantes italianos chegaram ao Espírito Santo em 1874, partindo de Gênova com a expedição de Pietro Tabacchi com destino a Vitória. Daí seguiram para a Colônia de Nova Trento, atual Ibiracu.

Muitas levas de imigrantes se seguiram, povoando os atuais municípios de Santa Teresa, Rio Novo e Alfredo Chaves. Posteriormente, em diferentes períodos, os próprios imigrantes ou seus descendentes partiram para outras localidades no interior do estado, igualmente despovoadas, tentando conseguir terras mais férteis, dando origem aos atuais municípios de Itarana, Itaguaçu e Colatina (ao norte) e Iconha, Araguaia, Vargem Alta, Venda Nova, Conceição de Castelo e Burarama (centro-sul) (DERENZI, 1974). Atualmente, encontramos descendentes de imigrantes, sobretudo italianos, em quase todo o estado, como vemos no mapa abaixo.



**Mapa 1:** Focos de imigração estrangeira no Espírito Santo  
**Fonte:** Instituto Jones dos Santos Neves, 2012



## Estudos sobre o contato de línguas no Espírito Santo

Como dissemos no início deste estudo, há diversas pesquisas que abordam a imigração italiana no Espírito Santo, em seus múltiplos aspectos, bem como contamos com vários trabalhos que narram a saga das primeiras famílias de imigrantes no imenso território desabitado que lhes coube desbravar. Entretanto, o mesmo não se pode dizer de pesquisas sobre as consequências do contato entre as línguas minoritárias e o português<sup>8</sup>. Dessa forma, pensando em descrever a diversidade linguística do estado, registrar a influência das línguas de imigração no português falado atualmente pelos descendentes de imigrantes e também saber o estágio vitalício dessas línguas minoritárias, elaboramos, em 2010, o Projeto de Pesquisa intitulado *Línguas em contato: o português e o italiano no Espírito Santo*.

Nos últimos quatro anos, diversas pesquisas têm sido feitas por alunos de Graduação e de Pós-Graduação da Ufes, em diversas regiões do estado, que serão publicadas futuramente. São elas:

- 1) zonas rural e urbana de Marechal Floriano (STEIN, 2010; LIBERATO, 2010; e SCHNEIDER, 2010);
- 2) zonas rural e urbana de Castelo (ZANELATO, 2010; e BRUNORO, 2010, respectivamente);
- 3) zonas urbana e rural de Santa Teresa (MARINHO, 2011; LORIATO, 2014, respectivamente);
- 4) zona urbana de Jaguaré (ARRIVABENE, 2011);
- 5) zona rural de Cachoeiro de Itapemirim (FASSARELA e GEVIGI, 2013);
- 6) zonas rurais (PETERLE, 2012; COMINOTTI, 2013; MENEGHEL, 2013) e urbana de Alfredo Chaves (FIORIN, 2014)<sup>9</sup>;
- 7) zona rural de Itarana (LORIATO, 2012);
- 8) zona rural de Laranja da Terra (KUSTER, 2013).

---

<sup>8</sup> Nos diversos livros publicados sobre a colonização, os italianos e seus costumes, no Espírito Santo, encontramos muitas descrições de sua linguagem. Um dos mais interessantes, do ponto de vista sociolinguístico, é de autoria de Lazzaro, Coutinho e Franceschetto (1992).

<sup>9</sup> O interior do município de Alfredo Chaves, por ser um dos maiores e principais redutos de descendentes de italianos e por seu isolamento geográfico durante muitas décadas, mereceu um número maior de pesquisas.

Esses trabalhos visam, principalmente, detectar influências fonético-fonológicas das línguas de imigração no português falado pelos descendentes de italianos. Mas não é objetivo do presente estudo tratar dessas consequências do contato linguístico. Num futuro próximo, essas pesquisas serão divulgadas.

Além das comunidades colonizadas por italianos, também contamos com trabalhos sobre:

- 1) a comunidade quilombola de Boa Vista Roda D'Água, localizada na zona rural de Cariacica (LEAL, 2011; MARQUES, 2011);
- 2) a comunidade guarani (CALAZANS, 2014);
- 3) a comunidade holandesa (BREMENKAMP, 2011); e
- 4) a comunidade pomerana (BREMENKAMP, 2014).

Leal (2011) e Marques (2011) fazem pesquisas variacionistas sobre a concordância verbal de estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, respectivamente. Já os três últimos trabalhos retratam a sócio-história do guarani, do zeuws, e do pomerano, indicando, atualmente, a manutenção do guarani e do pomerano, ao lado do português; por sua vez, temos o abandono do dialeto zeuws, pelos descendentes de holandeses, em favor não do português, mas sim de outra língua minoritária: o pomerano.

Esses resultados evidenciam que a realidade linguística do Espírito Santo é das mais curiosas e, por isso mesmo, ela se torna uma rica fonte de estudos (socio)linguísticos. O vênето, o dialeto majoritário, ainda pode ser ouvido nas zonas rurais e também nas zonas urbanas, pelos mais idosos. Mas ele está, atualmente, em vias de desaparecer, não obstante as ações organizadas pela sociedade civil, em diversas comunidades capixabas, para evitar que isso aconteça ou, pelo menos, para retardar esse processo (cf. PERES, 2011a; 2011b).

Na próxima seção, abordaremos os fatores apontados na literatura do Contato Linguístico para a manutenção/substituição de uma língua minoritária, a fim de descrever a situação sociolinguística dos dialetos italianos no estado, especialmente o vênето, por ser o numericamente maior.

## **Fatores de manutenção ou de substituição das línguas minoritárias: o caso dos dialetos italianos no Espírito Santo**

O contato entre duas ou mais línguas pode ser estudado focalizando-se seus aspectos linguísticos ou sociais. As pesquisas sobre o contato entre as línguas minoritárias e o português no Espírito Santo, listadas acima, centraram-se nas influências fonético-fonológicas do dialeto vênето no português falado atualmente nas comunidades colonizadas por imigrantes italianos. Especificamente, trata-se de trabalhos variacionistas, em sua maioria, voltados para os aspectos em que os respectivos sistemas sonoros se diferenciam, principalmente a variação da pronúncia do fonema /r/ e do ditongo nasal.

Entretanto, como dissemos, interessa-nos também verificar a importância dos fatores sociais para a substituição do vênето pelo português, tendo-se em vista que encontramos outras línguas minoritárias sendo faladas atualmente no estado.

Dessa forma, vamos agora voltar-nos para os fatores favorecedores da manutenção ou da substituição de uma língua minoritária, apontados por pesquisadores do Contato Linguístico (WEINREICH, 1970 [1953]; APPEL; MUYSKEN, 1996; COULMAS, 2005; etc). Vale lembrar que a listagem a seguir será feita apenas para facilitar nossa análise, já que esses fatores atuam em conjunto, na comunidade, sendo esta a definidora de sua atuação. Em outras palavras, os fatores são os mesmos; dependendo de cada comunidade, porém, eles favorecerão a manutenção ou a substituição da língua minoritária.

Antes de passar a eles, porém, vamos relembrar o que dissemos sobre as condições em que os imigrantes italianos se instalaram no Espírito Santo. Vimos que estes:

- a) vieram em número imensamente superior ao de outras nacionalidades – cerca de 75% do total de imigrantes;
- b) formavam grupos relativamente coesos, haja vista que a maioria deles veio do Vênето – 40% do total de imigrantes italianos – e, destes, 59% eram procedentes de duas localidades – Treviso e Verona –, o que explica por que não temos registros, nos livros consultados, de problemas de comunicação entre eles;
- c) poucos chegaram sozinhos; pelo contrário, vinham famílias inteiras e também vizinhos das comunidades italianas (FRANZINA, 2006);
- d) as terras que lhes foram destinadas se encontravam em um território inexplorado, coberto de matas virgens, e não havia estradas ou caminhos que pudessem levá-los

facilmente a outros lugares. No início da colonização, seu meio de transporte eram os burros que andavam em trilhas (cf., por exemplo, DERENZI, 1974; PUPPIN, 1994);  
e) tampouco havia escolas onde se ensinasse o português.

Segue-se, portanto, que esses imigrantes tiveram, durante muito tempo, relativamente pouco contato com os brasileiros. Assim, como apontamos, a língua falada por eles, dentro e fora de casa, era o dialeto trazido da Itália, em suas variedades sociolinguísticas.

Tendo sido expostas as condições sociais dos imigrantes e sua língua materna, voltemo-nos para os fatores de manutenção ou de substituição linguística. Dada a grande quantidade de possibilidades, citadas na literatura do Contato Linguístico, e também nossa limitação de espaço, analisaremos, neste trabalho, apenas os aspectos externos (cf. MONTRUL, 2013), ou seja, aqueles que não dependem das atitudes ou dos sentimentos dos falantes para atuar. Estes merecem um estudo à parte.

### **O isolamento geográfico da comunidade**

De acordo com Weinreich (1970), enquanto a substituição linguística ocorre total e rapidamente com os imigrantes urbanos, ela se processa parcialmente e leva de duas a três gerações, pelo menos, nas comunidades rurais. Essa opinião é compartilhada por Appel e Muysken (1996), que afirmam que os grupos rurais normalmente preservam a língua minoritária por mais tempo. Chambers (2009) explica a relação entre mobilidade/isolamento dos sujeitos e a variação linguística citando um corolário da Dialetoлогия, que diz que o isolamento faz com que as pessoas falem de modo diferente que as pessoas de outros lugares. Vemos, assim, que o isolamento geográfico dos membros de uma comunidade contribui para a manutenção – ou o conservadorismo – de sua cultura e, por conseguinte, de sua linguagem.

Quanto ao isolamento geográfico, sabe-se que os imigrantes italianos, assim como os de outras nacionalidades, ocuparam regiões completamente desabitadas, sendo que a locomoção era feita por picadas abertas na mata. Ainda hoje, as zonas rurais dos municípios do Espírito Santo contam com poucos horários de transporte público até a respectiva Sede. Muitas delas, não contam com nenhum. Há muitas regiões que sequer têm estrada pavimentada. Por isso, é na zona rural que encontramos os moradores com uma grande influência fonético-fonológica do dialeto ancestral, sendo que os mais idosos ainda o falam.

Dessa forma, o isolamento em que viveram (e ainda vivem) permitiria que a língua estrangeira fosse mantida, ao lado do português.

### **O tamanho da comunidade**

Montrul (2013) afirma que, dentre os muitos fatores externos que contribuem para a substituição de uma língua, um dos mais óbvios é o número de falantes dessa língua em relação ao de outra. Assim, os grupos minoritários, ao ficarem em desvantagem numérica, sofrem uma pressão maior do grupo majoritário, e essa pressão se transfere para a sua língua. Dessa forma, os pequenos grupos tendem a substituir sua língua materna mais frequentemente que aqueles com grande quantidade de membros.

Neste item, tem relevância as redes sociais mantidas na comunidade, dado que elas estabelecem não só a frequência do contato social, mas, principalmente, as normas de conduta sociais e linguísticas dos membros do grupo. (APPEL; MUYSKEN, 1996)

Em nosso caso, os imigrantes, nas regiões do Espírito Santo que colonizaram, correspondiam à quase totalidade da população. E, como vimos, o número de imigrantes italianos excedia em muito o de outras nacionalidades. Assim, aqui também observamos a vantagem dos dialetos italianos, especialmente do vêneto, em relação aos outros, inclusive ao português. Por conseguinte, o desaparecimento da língua ancestral nos permite ver uma importante faceta do imigrante italiano, e contribui para um melhor entendimento das escolhas linguísticas feitas por uma comunidade.

### **A religião**

Segundo Weinreich (1970), a religião pode atuar como uma grande barreira de integração entre os grupos, quando estes professam diferentes confissões religiosas, pois os contatos entre esses grupos ficam restringidos. Assim, quando a língua minoritária é também a língua da religião, isso servirá de ímpeto para sua manutenção (APPEL; MUYSKEN, 1996).

Os imigrantes italianos, no Espírito Santo, não puderam contar com assistência religiosa. Eram constantes os apelos dos estrangeiros por padres, mas poucos deles se dispunham a andar pelo meio da mata. Os imigrantes, então, enquanto não construíam uma igreja na comunidade, se reuniam aos domingos em alguma casa, para uma celebração. Os

relatos dos informantes também apontam uma forte religiosidade dos antigos, sendo que muitos rezavam o terço toda noite, em casa, após o trabalho. Dessa forma, vimos que a religião foi um fator que agregou os italianos, auxiliando a manutenção da língua materna.

### **Os casamentos interétnicos**

Weinreich (1970, p. 91) aponta que, normalmente, em grupos de imigrantes, as mulheres estão em proporção muito menor do que os homens, o que leva ao casamento interétnico e este, por sua vez, leva à descontinuidade da tradição linguística. Portanto, conclui-se que, em casamentos em que estão envolvidas duas línguas distintas, pode acontecer de uma delas ser preterida em favor da outra, possivelmente a de maior prestígio social dentro da comunidade.

Com relação aos imigrantes italianos, repetimos que muitos vieram para o Brasil com a família. Franzina (2006) afirma que várias comunidades do norte da Itália, à época da emigração em massa, praticamente desapareceram. Para o Espírito Santo, a maioria que imigrou era de duas comunidades da mesma região. Assim, os casamentos interétnicos não aconteceram por muito tempo, principalmente por falta de oportunidade, de condições humanas para tal. São comuns os relatos das frequentes festas, cada fim de semana em uma casa diferente. A partir dali as pessoas se conheciam, namoravam e casavam. Todos italianos.

### **O contato com a comunidade de origem**

Montrul (2013, p. 33) aponta que, se os membros de um grupo minoritário têm a oportunidade de visitar seu país de origem e/ou de ter contato com seus familiares, de forma que usem sua língua frequentemente, esta terá mais chances de se manter na comunidade.

Neste caso, os imigrantes do Espírito Santo não foram beneficiados. A distância, as dificuldades financeiras e as condições de vida daquelas pessoas impossibilitavam qualquer viagem para rever os familiares na Itália. À época, os que sabiam ler e escrever podiam contar apenas com as cartas. Entretanto, o contato com a língua materna foi mantido graças ao fluxo imigratório constante, por cerca de 25 anos. Como esses indivíduos vinham principalmente de uma mesma região, o Vêneto, a chegada dos novos patrícios proporcionava o revigoreamento de que a língua materna necessitava para se manter.

## **O apoio institucional**

O apoio institucional a uma língua minoritária – que é a sua utilização, por exemplo, pelos veículos de comunicação de massa, na administração pública, na Igreja e na escola – podem garantir a sua sobrevivência (APPEL; MUYSKEN, 1996; FASOLD, 1996). Em diversos países bi ou multilíngues, essas línguas têm o direito de existir. Assim acontece em sociedades democráticas, o que não era o caso do Brasil, durante a era Getúlio Vargas. Repetindo o que dissemos, em 1938, o Governo brasileiro proibiu a utilização de qualquer língua estrangeira no país. A desobediência poderia ocasionar prisão ou mesmo deportação dos indivíduos, o que gerava muito medo na população estrangeira. Esse fato é confirmado em diversos relatos de descendentes de imigrantes, em nossas entrevistas.

No entanto, a língua materna poderia ser falada com a família, como aconteceu com os pomeranos, principalmente na zona rural, onde as casas são mais afastadas e não se correria tanto risco de delação. Poderia, se os italianos quisessem.

Portanto, a sócio-história da imigração italiana no Espírito Santo dá provas de que a substituição de uma língua minoritária está mais relacionada a aspectos de ordem psicossocial que de aspectos externos. Dizendo de outro modo, muitos fatores podem atuar para a manutenção de uma língua, mas de nada adiantará se a comunidade não fizer força para que isso aconteça. As razões que levaram os imigrantes italianos a não manter o vêneto gera outro estudo, pois são várias e complexas as causas a ser analisadas. Assim, este tema será abordado em um trabalho futuro.

## **Considerações Finais**

Vimos que fatores econômicos e políticos, ao longo da história do estado do Espírito Santo, lhe impuseram um atraso apenas amainado pela vinda dos imigrantes, principalmente na segunda metade do século XIX. A importância social, cultural e econômica dessas pessoas para o estado é inegável. Vencendo enormes dificuldades, eles conseguiram realizar o sonho de oferecer a seus filhos uma vida melhor do que a que tiveram em seus países de origem.

No que respeita à cultura, principalmente italiana, que foi a maioria, ela ainda pode ser vista em quase todos os municípios que foram colonizados por eles, nos corais, nos grupos de danças, nas festas típicas e nos hábitos alimentares que seus descendentes fielmente mantêm.

A preservação da cultura e o orgulho de sua origem, atestados por centenas de informantes que concederam entrevistas a nós e a nossos alunos, contrastam com a substituição da língua materna pelo português. Como vimos, eles tiveram todas as condições geográficas, populacionais e sociais para preservarem as línguas ancestrais e se tornarem bilíngues.

O desaparecimento do vêneto, a língua mais falada entre os imigrantes, não pode ser creditado apenas à proibição de se falar uma língua estrangeira no Brasil, em 1938, ou à teoria que afirma que as línguas de imigração normalmente não chegam à terceira geração de imigrantes (cf. WEINREICH, 1970). Prova disso é o pomerano, que, sob as mesmas restrições políticas que os dialetos italianos e com muito menos chances de sobrevivência, permanece até hoje sendo falado no estado (BREMENKAMP, 2014).

Portanto, a substituição dos dialetos italianos tem de ser explicada por fatores outros que não estão relacionados à geografia ou à política. Aspectos como a lealdade nacional e, por conseguinte, linguística; o status e a utilidade da língua materna; a solidariedade entre o grupo imigrante; a (in)tolerância ao bi ou ao multilinguismo; e o sentimento de vergonha diante do preconceito linguístico perpassam o aspecto psicossocial, a forma como esses imigrantes se viam. Em última análise, devemos observar as atitudes linguísticas dos italianos para com seu país e sua língua materna, para entendermos por que esta foi substituída até em casa, que é o último e mais importante domínio onde uma língua minoritária pode existir. Outros estudos precisarão ser feitos, abordando-se essas questões, para que possamos estabelecer a sócio-história das línguas de imigração no Espírito Santo. A situação sociolinguística de nosso estado pode dar importantes contribuições para os estudos sobre Contato Linguístico.

## Referências

APPEL, R.; MUYSKEN, P. *Bilingüismo y contacto de lenguas*. Trad. de Anxo M. Lorenzo Suárez y Clara I. Bouzada Fernández. Barcelona: Ariel, 1996.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. Disponível em: <<http://www.ape.es.gov.br>>. Acesso em 01 mar. 2014.



ARRIVABENE, R. L. B. *Línguas em contato: o português e o italiano na zona urbana de Jaguaré, ES*. 2012. Relatório Final de Iniciação Científica, Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

BREMENKAMP, E. S. *Análise sociolinguística do desaparecimento da língua holandesa no Espírito Santo*. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

\_\_\_\_\_. *Análise sociolinguística da manutenção da língua pomerana em Santa Maria Jetibá, Espírito Santo*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

BIGAZZI, A. R. C. *Italianos; história e memória de uma comunidade*. São Paulo: Cia. Editora Nacional. Série Lazuli (Imigrantes no Brasil), 2006.

CALAZANS, P. C. *Para uma sócio-história da língua guarani no Espírito Santo; uma análise sob a perspectiva sociolinguística*. 2014. 171 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

CAVALCANTI, M. B. *Análise sociolinguística da concordância verbal na zona urbana de Castelo, ES*. 2011. Relatório Final de Iniciação Científica, Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory*. Revised edition. Sussex, UK: Wiley-Blackwell, 2009.

\_\_\_\_\_.; TRUDGILL, P. *La Dialectología*. Trad. Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.

CONDE, B. S. Senhores de fé e de escravos: a escravidão nas fazendas jesuíticas do Espírito Santo. In: *Anais do 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Curitiba: UFPR, 13-15 maio, 2009. p. 01-10. Disponível em <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos4/brunosantosconde.pdf>. Acesso em 03/03/2014.

COULMAS, F. *Sociolinguistics; the study of speakers' choices*. Cambridge: Cambridge Press, 2005.

DEMONER, S. M. *Os imigrantes no Espírito Santo: italianos do Núcleo São João*. Santa Teresa: Projeto Nossas Raízes, 2001.

DERENZI, L. S. *Os italianos no Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

FASOLD, R. *La Sociolinguística de la sociedad; introducción a la Sociolingüística*. Trad. de Margarita España Villasante y Joaquín Mejía Alberdi. Madrid: Visor Libros, 1996.

FRANZINA, E. *A grande emigração; o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2006.

- LACHINI, C. S. *Fragmentos de uma saga ítalo-brasileira*. São Paulo: Barcarolla, 2007.
- LAZZARO, A; COUTINHO, G. A.; FRANCESCHETTO, C. *Lembranças camponesas; a tradição oral dos descendentes de italianos em Venda Nova do Imigrante*. Vitória: [s.n.], 1992.
- LIBERATO, R. D. *Análise sociolinguística do uso do fonema /r/ final em substantivos e verbos na língua falada por moradores da zona urbana de Marechal Floriano, ES*. 2011. Relatório Final de Iniciação Científica, Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.
- LORIATO, S. *Análise sociolinguística do uso do fonema /r/ na zona rural de Itarana, ES*. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade Brasileira, Serra, 2011.
- MARINHO, J. L. *Aspectos sociolinguísticos da imigração italiana na cidade de Santa Teresa, ES*. 2012. Relatório Final de Iniciação Científica, Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.
- MONTRUL, S. *Bilinguismo en el mundo hispanohablante*. West-Sussex, UK: Wiley-Blackwell, 2013.
- MOREIRA, T. H.; PERRONE, A. *História e geografia do Espírito Santo*. 8. ed. Vitória: [s.n.], 2007.
- OLIVEIRA, J. T. *História do Estado do Espírito Santo*. 3. ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008. Coleção Canaã, volume 08. Disponível em: <www.ape.es.gov.br>. Acesso em: 05 mar. 2014.
- PERES, E. P. Aspectos da imigração italiana no Espírito Santo: a língua e cultura do Vêneto em Araguaia. *Dimensões - Revista de História*, v. 26, p. 44-59, 2011a.
- \_\_\_\_\_. Análise da vitalidade do vêneto em uma comunidade de imigrantes italianos no Espírito Santo. *Revista (Con)textos lingüísticos*, Vitória, v.5, p. 83-100, 2011b.
- PUPPIN, D. *Do Veneto para o Brasil*. Vitória [s.n], 1979.
- \_\_\_\_\_. *La vita di Vittorio*; diário de um imigrante. Vitória [s.n.], 1994.
- \_\_\_\_\_. *Os Denadai*; Pietro, benemérito da libertação de Roma. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2000.
- REIS, N. Z. *Análise sociolinguística da concordância verbal realizada por descendentes de italianos da zona rural de Castelo, ES*. 2011. Relatório Final de Iniciação Científica, Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.
- RIBEIRO, L. R. *Subsídios à história da imigração italiana nos municípios de Ibirajuba e João Neiva*. Vitória: Artgraf, 1990.

SALETTTO, N. *Donatários, colonos, índios e jesuítas; o início da colonização do Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2011. Coleção Canaã, volume 13. Disponível em: <[www.ape.es.gov.br](http://www.ape.es.gov.br)>. Acesso em: 4 mar. 2014.

SIMÕES, R. H. S.; FRANCO, S. P. *Instrução pública e imigração italiana no estado do Espírito Santo no século XIX e início do século XX* (inédito).

STEIN, A. C. *Línguas em contato: o italiano e o português na zona rural de Marechal Floriano, Espírito Santo*. 2011. Relatório Final de Iniciação Científica, Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

WEINREICH, U. *Language in contact; findings and problems*. Paris: The Hague Mouton, 1953.